

Já chamaram de vício impune ou brincadeira de gente grande o ato de colecionar, apesar de que, desde o início, mais ou menos seriamente, ele tenha feito mais virtuosos do que pecadores. Hoje, está praticamente superada a tese que diz que colecionar se trata de um passatempo amadorístico quando, por exemplo, é sabido que fatores econômicos, culturais e sociais tomam parte forte no jogo. No ato de ajuntar, simplesmente, há um grande impulso inerente à natureza prática ou fetichista do homem. Desde os ajuntadores de cabeças-troféu, de conchas, de pedrinhas, da pré-história até - mas por razões bem diferentes - os colecionadores de obras ou objetos de arte e de toda a parafernália oferecida hoje em dia, todos têm, por séculos, permitido amorosamente que suas coleções fizessem parte do estofo do cotidiano.

Se encararmos as obras e os objetos como testemunhos de uma cultura e de um tempo, vamos constatar, por outro lado, que eles sempre exerceram um enorme fascínio a uma minoria atenta, dada ao salutar exercício do estudo e do conhecimento daquilo que ela coleciona. O resultado é o aprimoramento de sua sensibilidade e o aguçamento de suas faculdades de discernimento e escolha, de julgamento e apreciação; uma inequívoca marca que qualifica o colecionador e o distingue frontalmente do simples coletor. A história, de uma certa maneira, tem nos ensinado que, da coleção particular pacientemente acumulada ou de seus componentes isolados, invariavelmente, o destino, após ser vendida, trocada, doada ou cedida, é chegar à instituição pública, mais cedo ou mais tarde. O trajeto natural da casa ao museu, do âmbito doméstico ao recinto público é inevitável como são inexoráveis as estações da vida. Antecipar aquele processo, saber de bom grado praticar discretamente sua generosidade, também identifica, entre outras tantas qualidades, o grande colecionador do mesquinho ajuntador.

Seja qual for a razão, durante toda a sua vida o homem reúne coisas, ajunta, coleciona, se forma colecionador por opção e prazer, muito raramente por sacrifício e necessidade. O bem-cuidado álbum de figurinhas de ontem poderia muito bem estar estimulando hoje a aquisição de gravuras pelo comprador de pinturas de amanhã. A lembrança de inefáveis brinquedos do passado poderia ser a senda do colecionador de múltiplos para se chegar a ser um zeloso amante da escultura. Em ambos os casos, poderia até estar incluído um futuro "comprador" de arte conceitual, essa modalidade de expressão radical, evanescente no espaço e no tempo, que por não produzir como resultante documentos diretos, se tornam quase anti-coleção. Quantitativamente, quadros ou esculturas, gravuras ou múltiplos, figurinhas ou brinquedos antigos, constituem uma parcela mínima da imensa variedade de itens passíveis de se colecionar; entretanto, sem desprezá-la categoricamente, precisamente na variedade restante temos a nossa faixa de maior interesse a desenvolver.

O escopo desta série de artigos é tentar mostrar, principalmente pela ilustração, produzida com uma ótica de designer, fotografada dentro de um campo uniforme e neutro, o objeto colecionável inter-relacionado com seus similares. Foi programadamente evitado a produção de fotos de objetos sobre mesas, dentro de vitrines, sobre prateleiras, entre folhagens ou mergulhados em cenários montados, para que esta importante parte decorativa, que foge ao alcance de nossas linhas, ficasse por conta da imaginação do leitor interessado. Hoje, quem realmente coleciona, no fundo, sabe dispor seus objetos de coleção, dando-lhes um ambiente, uma iluminação correta, um espaço orgânico e uma proteção adequada. Os livros e revistas de decoração e arquitetura de todo o mundo, há muitos anos, têm tratado exaustivamente do tema mostrando e analisando a disposição de coleções existentes ou sugerindo novas ideias, baseadas na moderna museografia. Ao arregimentarmos as peças, foi evitado estabelecer conjuntos reunidos só pelo fato de serem feitos do mesmo material. Desconfiamos dos critérios niveladores que sempre encobrem a criatividade. Achamos mais natural e explícito enfatizar os temas, ou melhor, as formas que aqueles materiais, em diferentes épocas, receberam das mãos de seus criadores, ao cumprir a função exigida pela finalidade da obra. Em última análise, quase sempre a monótona proposição dessas coleções, acabam reduzindo sumariamente a sua significação a uma mera reserva material que, quando precioso, torna-se somente valioso intrinsecamente. Por outro lado, desprezar todos esses depósitos regidos por tal modo simplista de classificação, faria com que, ao prosseguir em nosso trabalho, estivéssemos perdendo peças interessantes à nossa demonstração. Assim, dessas coleções peculiares, apesar de tudo, recebemos a imprescindível colaboração de itens insubstituíveis. Sómente no caso específico quando o material reger a utilidade, a forma do objeto, teríamos alguns casos à exceção. Em conclusão, eis o porque de nossa opção pela mais nobre alternativa, a do produtor ou factor da obra que usou o material só como apoio de sua idéia. Na impossibilidade de trazer para esta página tudo com que se faz uma coleção hoje, ao redator desta foi reservado, logicamente, o direito de opção dentro de um grande emaranhado de possibilidades e o que aqui aparece e/ou aparecerá foi deliberadamente escolhido entre diversas coleções com o fito de se conseguir uma desejada harmonia entre as partes. Por experiência aprendemos que os objetos ou obras formalmente afins ganham em beleza e têm ressaltados os seus atributos quando expostos em um dado contexto ao lado de seus assemelhados. Por último, mas não por menos, queremos frisar que não pretendemos com nossas ilustrações, de maneira alguma, estar esgotando o assunto, nem encerrando-o com a última palavra. Sabemos que estaria sempre faltando, é certo, algum objeto que viria melhorar nossa escolha.